

REVISTA DE ANTROPOLOGIA

Volume 8.º

Dezembro de 1960

N.º 2

MUDANÇAS ESTRUTURAIS-FUNCIONAIS EM COMUNIDADES CAMPESINAS DE CINCO PAÍSES EUROPEUS

Emílio Willems

Professor da Vanderbilt University, Nashville

Neste trabalho tentamos comparar os resultados de alguns estudos recentes sobre comunidades campesinas européias, centralizando nossa análise nas seguintes questões: A civilização urbano-industrial realmente transformou a estrutura das comunidades em aprêço? Em caso afirmativo, quais foram estas transformações? Relacionam-se elas com mudanças estruturais? Comparando as diversas comunidades, procuraremos pôr em destaque semelhanças e diferenças relativas à ocorrência e extensão dessas transformações e, em seguida, apontar pelo menos algumas das variáveis a que se devem tanto essas esmelhanças como essas diferenças. |

A escolha de dez monografias, publicadas a partir de 1952, foi determinada pelo objetivo restrito do presente trabalho, pelo seu caráter exploratório e pela possibilidade de comparação oferecida pelos resultados a que chegaram autores diferentes. Das dez monografias, sete se referem a uma comunidade apenas, a saber, Gosforth, na Inglaterra, Arderen na Holanda, Nouville na França, Villmergen e Witikon na Suíça, Hüttenthal e Testorf na Alemanha. As três restantes abrangem mais de uma comunidade. Uma vez que Alsbach, Schneppenhausen, Spachbrücken e Ober-Mossau pertencem, ecológicamente, a uma mesma área, dominada pela cidade de Darmstadt (Alemanha), foram estudadas em conjunto, de maneira comparativa. Também as aldeias do Distrito Central Montanhês (Alemanha) constituem uma unidade local bem definida do ponto de vista ecológico, e fortemente consolidada. Talvez se possa considerar a planície da Baixa Alsácia como uma sub-cultura regional. Suas numerosas comunidades campesinas parecem bastante homogêneas para justificar sua inclusão neste trabalho.

Referências históricas, que não faltam em nenhum dos dez trabalhos, demonstram que, durante todo o passado de que se tem documentação, essas comunidades estiveram sempre dentro da esfera de influência de centros urbanos. Sempre houve produção para mercados urbanos, e, muitas vezes, o cultivo de produtos agrícolas exclusivamente para o comércio (como o vinho, o fumo e a garança, por exemplo) foi estimulado pela procura das cidades e pela assistência técnica por elas fornecida. Tôdas as comunidades estudadas eram estratificadas, a atribuição de status dependendo do tamanho das propriedades; em tôdas elas, a numerosa classe dos trabalhadores rurais sem terras constituía a base da pirâmide social e a exis-

tência de diversos artesãos contribuía para maior diferenciação da estrutura das aldeias. Em algumas, os artesãos chegavam a ultrapassar o número dos camponeses proprietários, ou pelo menos eram tão numerosos que não podiam deixar de depender, como de fato dependiam, de mercados exteriores à própria aldeia. Tanto êstes fatos como a existência — em alguns casos, pelo menos — do que poderia ser considerado como um sistema pré-industrial de transporte diário para os locais de trabalho situados fora da aldeia, indicam que as comunidades estudadas eram partes integrantes de estruturas ecológicas que diferem das modernas apenas quanto à sua extensão e “densidade dinâmica”.

Evidencia-se, também, a existência de mobilidade social e mudança cultural pré-industriais, muito embora se possa considerá-las muito lentas se comparadas com os mesmos fenômenos nos fins do século XIX e no atual. Provavelmente as influências urbanas nas comunidades camponesas européias sejam tão antigas quanto as próprias cidades de que se irradiam. As mudanças produzidas por estas influências devem ser interpretadas como reflexos de mudanças que a própria civilização urbana vem sofrendo desde o início da Idade Média. Em vista de evidências como as que são apresentadas por Friedmann (1951) e Juillard (1953), o conceito de camponês “ahistórico” e “imutável” (Reihl, 1861), apanhado completamente desprevenido pelo impacto da revolução industrial, precisa ser substituído por uma visão mais dinâmica da sociedade camponesa histórica da Europa.

Estruturas Comunitárias em Mudança

A exposição à civilização industrial ocorreu, nos casos estudados, em condições as mais diversas. Algumas aldeias tornaram-se centro de indústrias, outras ficaram situadas a pequena distância de centros industriais (onde sua população passou a trabalhar) e outras, ainda, incorporaram novos elementos técnicos e econômicos sem perder suas características agrícolas. Todavia, nenhuma dessas estruturas poderia ser concebida na sua forma atual sem mudanças básicas na tecnologia dos transportes e comunicações. Estradas de rodagem e de ferro, principalmente, foram os instrumentos de integração das diferentes comunidades em sistemas ecológicos mais amplos.

Anderen — Provavelmente Anderen tenha conservado sua identidade em maior grau que qualquer das outras comunidades. Não há nenhuma indústria nas suas imediações, nem ela expressa o desejo de substituir as atividades agrícolas por empregos remunerados. No entanto, a adoção de técnicas científicas na agricultura e criação não poderia ter sido maior. Os membros da localidade participam integralmente de uma economia monetária, cultivam produtos agrícolas para o mercado e criam gado leiteiro puro sangue para a venda de leite e fabricação de manteiga; possuem maquinária moderna de acôrdo com o tamanho das propriedades e tôdas as

casas têm eletricidade. Por outro lado, não há nem água encanada, nem esgôto; as casas são velhas, algumas do século XVI, embora equipadas com máquinas de costura, aspiradores de pó, máquinas de lavar roupa e uma variedade de outros aparelhos modernos.

A criação e a agricultura científica, a produção para o mercado e a adoção de maquinária atualizada indicam o alto grau de interdependência funcional que caracteriza a posição de Anderen num sistema ecológico que é antes regional e nacional do que local. Ao mesmo tempo, os agricultores de Anderen ainda produzem, como outrora, a maior parte dos seus víveres, e os dois vendeiros da aldeia têm que praticar simultaneamente a agricultura para poderem viver. Apenas o padeiro e o ferreiro são especialistas que se dedicam exclusivamente às suas especialidades. Há indícios de que a estrutura de classes é hoje menos rígida que no passado. Apenas quatro famílias não têm terras em quantidade suficiente para o seu próprio sustento; muito poucas pessoas dependem de salários e não se recorre a trabalhadores de fora da aldeia. Além disso, as poucas associações econômicas e recreativas parecem incluir pessoas de todas as classes. Sua função social é, pois, do ponto de vista da comunidade, antes integradora do que isoladora (Keur and Keur: 1955).

Testorf — Algumas das diferenças estruturais e funcionais entre Anderen e Testorf derivam do fato de que a primeira é habitada por 280 pessoas e a segunda por 2.000. As transformações técnicas são comparáveis às ocorridas em Anderen. A adoção de técnicas e maquinária agrícola modernas foi determinada pela escassez de mão de obra e necessidade de competir no mercado do leite. A integração num sistema ecológico mais amplo não é maior do que em Anderen, mas produziu diversas mudanças estruturais básicas que parecem indicar insatisfação com o sistema tradicional de classes. Até a Primeira Guerra Mundial, as classes inferiores — trabalhadores agrícolas e artesãos — eram inteiramente dependentes dos proprietários. Depois da guerra, Testorf foi ligada ao sistema nacional de estradas de ferro e os moradores sem terra empregaram-se numa cidade industrial vizinha. Não era mais considerado “digno” trabalhar para proprietários locais. Esses trabalhadores mudaram-se para residências não-rurais que tinham sido construídas perto da estação de estrada de ferro. Paralelamente, uma mudança geral na valorização do artesanato permitiu a muitos artesãos se estabelecerem por conta própria em lugar de trabalharem como diaristas para os proprietários.

Uma terceira mudança ocorreu na estrutura tradicional de classes durante a Segunda Guerra Mundial, quando 1200 refugiados e 400 evacuados se estabeleceram em Testorf. Refugiados e evacuados constituíram uma nova classe cujos membros, depois de um período de isolamento, tiveram acesso a instituições comunitárias até então controladas pelos proprietários da classe alta. Desses recém-chegados, 500 permaneceram na comu-

nidade e seu papel de mediadores culturais, especialmente em relação ao vestuário, hábitos alimentares, padrões residenciais e métodos de trabalho não deve ser subestimado. Desenvolveu-se um alto grau de solidariedade entre os refugiados e a classe baixa local.

Outra mudança básica relacionou-se com laços políticos duvidosos que os membros da classe alta estabeleceram durante o regime nazista. Isto os marcou como suspeitos e o poder político transferiu-se aos proprietários da classe média (Teuscher, 1956).

Hüttenthal — Quanto ao tamanho, Hüttenthal é comparável a Anderen (343). Nela observou-se uma mudança na distribuição da terra entre 1850 e 1935, quando numerosos trabalhadores agrícolas e artesãos dependentes adquiriram pequenas propriedades. Em 1954 apenas 2% da população local era constituída por trabalhadores rurais sem propriedade, ao passo que em 1828 a porcentagem era de 21,8%. Isto significa, sem dúvida, que as principais divisões da estrutura local de classes gradualmente diminuíram. Como em Testorf, as mudanças estruturais estão intimamente relacionadas com a integração ecológica da comunidade numa rede funcional mais ampla. Somente através de um aumento geral do preço da mão de obra e de maior participação na economia monetária é que a classe inferior conseguiu atingir o status de proprietário. Entretanto, devido ao tamanho reduzido das propriedades, a agricultura permaneceu como ocupação secundária, e os membros desta classe obtêm a maior parte da sua renda de atividades artesanais e de empregos assalariados na exploração madeireira e na indústria. Realmente, 32 indivíduos se deslocam diariamente para cidades vizinhas, onde estão empregados na indústria, havendo ainda sete pessoas de outras aldeias que diariamente vão trabalhar na serraria e fábrica de laticínios locais.

As mudanças tecnológicas, principalmente a partir da Primeira Grande Guerra, vão muito além dos limites do critério estritamente utilitário observado em Anderen. A extensão do emprêgo de maquinária moderna e cara pelos agricultores indica sua dependência em relação à agricultura comercial e à venda de laticínios. Apesar disso, parece que a maior parte dos gêneros alimentícios é ainda produzida no local. Todo o progresso técnico relacionado com a agricultura se deve à iniciativa dos grandes proprietários, ao passo que os que trabalham fora são os mediadores na adoção de elementos urbanos, tais como veículos motorizados, rádio e cinema. A tensão e os conflitos iniciais entre a população local e um grupo de aproximadamente 78 refugiados virtualmente desapareceu com a retirada de 30 desses indivíduos. 71% dos residentes mostraram-se satisfeitos com a vida de aldeia. O sistema tradicional de cooperação entre vizinhos foi integralmente preservado e os serviços recíprocos nunca são monetariamente remunerados. Tanto o "esprit de corps" da comunidade, como a capacidade de inflingir sanções (principalmente ostracismo e boi-

cote) aos violadores dos padrões tradicionais de comportamento, também se mantiveram intactos. (Egger, 1956).

Gosforth — A paróquia de Gosforth (com 723 habitantes em 1951) apresenta várias características estruturais que diferem acentuadamente das apresentadas pelas outras comunidades por nós examinadas. Há pelo menos três linhas divisórias importantes que cortam a paróquia em tôdas as direções. Em primeiro lugar, os moradores da paróquia consideram-se divididos em sete classes sociais distintas. Em segundo lugar, há a divisão entre “aldeões” e “lavradores”. Finalmente, os lavradores se dividem, de maneira bastante nítida, em “progressistas” e “retrógrados”.

O que mais chama a atenção no sistema local de classes é o fato de diversas famílias urbanas abastadas e de educação de nível superior terem fixado residência em Gosforth. Essas famílias representam, na plena acepção do termo, a civilização urbana transplantada para o meio rural. Essa preferência pelo meio rural talvez represente uma tentativa convicta de atingir plenamente o ideal tradicional e prestigioso de “good life” tal como o cultivam as classes mais altas da Inglaterra. A quase totalidade dessas famílias não tem relação alguma com a agricultura ou qualquer outra ocupação característica da cultura local. Na verdade, salvo quatro exceções, os membros dessa camada superior não exercem nenhuma atividade econômica na localidade.

A separação sócio-cultural entre a classe superior e a média, que constituem, conjuntamente, quatro- quintos da população, não poderia ser maior; por outro lado, não há separações rígidas entre a classe média mais elevada, formada de fazendeiros e comerciantes, e a classe média inferior, constituída principalmente de trabalhadores, artesãos, auxiliares de escritório e donos de pequenos estabelecimentos comerciais.

A linha divisória entre aldeões e lavradores reflete, até certo ponto, o padrão local de distribuição espacial, segundo o qual os camponeses residem em quintas isoladas, ao passo que a aldeia abrange a população não-rural da paróquia. Na sua forma atual, a aldeia é um produto do século XIX. A partir de 1900, sua população tem ultrapassado cada vez mais a das propriedades rurais isoladas. Ao que parece, a urbanização foi considerável, a julgar pela existência de um banco, lojas, trinta e uma associações e geral admiração pelos valores urbanos. A aldeia provê os serviços relacionados com a escola e a igreja, mas desde que “a zona rural circunvizinha, com seus próprios comerciantes e artesãos, se manteve grandemente independente dela” (Williams, 1956: 158), e desde que suas associações não atraem os lavradores, as relações funcionais entre a aldeia e a população rural permanecem um tanto obscuras.

De qualquer forma, a maioria das pessoas empregadas na indústria (20,3% do total) vive na aldeia. Viajam diariamente para a Estação de Energia Atômica em Sellsfield e, dêsse modo, estabelecem uma ligação estrutural com um sistema ecológico mais amplo.

Os agricultores “progressistas” são os que usam maquinária agrícola moderna, possuem banheiros e fogões elétricos, assistem a demonstrações de máquinas, exposições e reuniões agrícolas, mandam analisar o solo de suas propriedades e assinam revistas especializadas. Os “retrógrados”, por outro lado, utilizam um mínimo de equipamento a tração animal, não possuem nenhum veículo motorizado, fazem seu próprio pão, compram poucos gêneros alimentícios, usam lâmpadas a óleo para a iluminação e bomba manual para água. Os primeiros preocupam-se principalmente com a produtividade, com a agricultura comercial e com a competição no mercado; os segundos, antes do mais com a lavoura de subsistência tal como é tradicionalmente definida.

O grau de urbanização de Gosforth, particularmente na aldeia, pode ser avaliado pelo fato de que (em 1951) para cada quatro pessoas da população total que se dedicavam a atividades econômicas primárias, havia seis que se dedicavam a atividades secundárias e terciárias. Além disso, o desejo de abandonar as atividades agrícolas por outra forma de ocupação parece bastante generalizado.

Das trinta e uma associações existentes na aldeia, duas restringem a participação a três camadas sociais, e apenas duas aceitam membros de todas as classes. Na maior parte das associações a participação abrange de quatro a seis classes. Os níveis mais elevados da hierarquia social, entretanto, participam predominantemente das funções de direção, o que significa que a hierarquia de classes se repete, até certo ponto, na estrutura interna dessas associações.

O Distrito Montanhês Central — As dez aldeias e povoados do Distrito Montanhês Central, habitados por 5.038 pessoas em 1950, constituem uma unidade ecológica e administrativa. Incrivelmente pobres, segundo eles próprios se consideram, os pequenos proprietários, trabalhadores e artesãos mostraram-se extremamente receptivos a inovações que pudessem levar a relações mais equilibradas entre a população e os recursos econômicos existentes. O interesse pela mudança e, em particular, pela industrialização manifesto por esta parte da população sofreu constante oposição por parte dos grandes proprietários que controlavam o conselho comunal até 1918 e não queriam perder sua posição privilegiada no mercado de trabalho local. Este antagonismo de interesse de classe parece importante na medida em que contribui para a compreensão das mudanças estruturais que ocorreram a partir de 1881.

Como nos casos anteriores, a construção de estradas de ferro e de rodagem serviu de fundamento ecológico para as transformações básicas que se iniciaram no último quartel do século XIX. Algumas das dimensões quantitativas dessas transformações são reveladas pelo desenvolvimento de quatro grupos principais, a saber, lavradores proprietários não empenhados em outras atividades, trabalhadores agrícolas (excluídos os membros da

família), trabalhadores não-agrícolas e artesãos independentes. Entre 1881 e 1950 os lavradores-proprietários decresceram de 55,6% para 18,0% do total de pessoas com ocupação remunerada no Distrito. A proporção de trabalhadores agrícolas caiu de 22,3% para 3,4% e a de artesãos independentes de 10,2% para 5,8%. Durante o mesmo período a proporção de trabalhadores não-agrícolas, tanto especializados como não-especializados, aumentou de 4,8% para 49,8%. A diferenciação ocupacional (que pode ser encarada como um dos índices de urbanização) aumentou de 49 ocupações reconhecidas em 1881 para 373 em 1950. Essas mudanças na estrutura ocupacional não devem ser interpretadas como uma tendência inequívoca de passar de atividades agrícolas para ocupações estritamente não-agrícolas. O fato de em 1950 58% de todas as famílias ainda estarem, de um modo ou de outro, ligadas a atividades agrícolas parece indicar que a população do Distrito não tenciona repudiar a herança campestina.

Mais que qualquer das comunidades mencionadas até agora, o Distrito Montanhês Central parece ter se tornado parte integrante de um sistema ecológico mais amplo. Isso foi possível pela industrialização de diversas comunidades vizinhas. 42,3% da população com ocupação remunerada no Distrito viaja diariamente para trabalhar em 12 cidades e vilas diferentes, cobrindo distâncias que variam entre 5 e 51 quilômetros. Mas nem todas as áreas do Distrito têm se mostrado igualmente receptivas a essas influências urbanizadoras. A maior das aldeias, situada no vale e atravessada por uma estrada de ferro e uma de rodagem, revelou-se a mais urbanizada. Apenas 7% dos indivíduos com ocupação remunerada ocupam-se de atividades agrícolas ou madeireiras, e 86% das famílias ou não possuem terra, ou possuem menos de meio hectare. O menos urbanizado dos povoados, com 67,0% dos chefes de família ocupados em atividades agrícolas ou madeireiras, e com apenas 27,0% das famílias sem propriedades ou com propriedades inferiores a 0,5 hectares, também é o mais isolado geograficamente. De modo geral, as aldeias localizadas na montanha são menos urbanizadas do que as localizadas no vale, onde o transporte é facilitado pelas estradas de ferro e de rodagem.

O acesso fácil a mercados urbanos provocou uma transferência geral da agricultura para a criação, particularmente para a criação de gado leiteiro e suínos. Quanto à adoção de técnicas agrícolas modernas, o Distrito se assemelha às comunidades anteriormente descritas. O fato de tanto as propriedades pequenas (de menos de 2 hectares), quanto as grandes (de mais de 20 hectares), serem atualmente em muito menor número do que em 1861, sugere a existência de transformações na estrutura de classes. Os dois grupos menos privilegiados, o de pequenos proprietários e o de assalariados agrícolas, que viviam sob a constante ameaça da fome, constituem hoje uma proporção mínima da população empenhada em atividades agrícolas.

A urbanização reduziu o alcance funcional do grupo de vizinhança e mudou a maneira de exercer o controle social. Mas, em algumas situações críticas, os grupos de vizinhança ainda se revelam capazes de ação conjunta espontânea. Como meio de satisfazer as necessidades de diversão, o grupo de vizinhança foi suplantado em grande parte por 15 associações, a mais antiga das quais fundada em 1907, ao passo que 13 outras apareceram depois da Primeira Grande Guerra. O papel integrativo dessas associações é demonstrado pelo fato de que os sócios são recrutados em todas as camadas sociais.

A redistribuição de evacuados e refugiados fez com que a população local aumentasse de 3.791 para 5.359, entre 1939 e 1946. Apesar dos antagonismos e tensões, os refugiados não constituíram uma classe à parte, nem modificaram consideravelmente a estrutura de classes existentes. Dos 700 que permaneceram no Distrito, apenas um quinto continuou socialmente isolado. (Wurzbacher, 1954).

As comunidades da área de Darmstadt — Schneppenhausen, Spachbrücken, Alsbach e Ober-Mossau são partes de um sistema ecológico em que a cidade de Darmstadt constitui o centro de dominância.

Comunidade	População	Distância de Darmstadt (em milhas)
Schneppenhausen	973	5
Alsbach	2.316	10
Spachbrücken	1.598	10
Ober-Mossau	526	20

Em todas as quatro comunidades, os camponeses constituem apenas um elemento residual, mas Ober-Mossau, menos favorecida pela distância e pelas facilidades de transporte, preservou as características campesinas em grau maior que as outras três. Todas essas comunidades caracterizam-se ainda por praticarem a agricultura aliada a outras ocupações, por possuírem uma população não-agrícola e pela existência de um elemento flutuante constituído pelos refugiados e evacuados. A agricultura como ocupação secundária está associada a uma grande variedade de outras ocupações, especialmente as artesanais e industriárias. Nas comunidades mais rurais, até os negociantes dedicam parte de seu tempo à agricultura. Entre os agricultores que dedicam apenas parte de seu tempo a atividades agrícolas, os mais pobres têm apenas uma horta e algumas cabras para o consumo doméstico; os mais abastados utilizam maquinária agrícola, possuem diversas vacas e vendem seus produtos no mercado.

A extensão com que características urbanas e rurais se manifestam em cada uma das comunidades é indicada no quadro abaixo:

	Alsbach	Spachbrücken	Schneppenhausen	Ober-Messau
1. Porcentagem da população trabalhadora que se dedica exclusivamente à agricultura	8	12	10	41
2. Porcentagem das famílias que dedicam parte do tempo à agricultura	62	79	68	80
3. Porcentagem das famílias que possuem animais úteis	50	68	70	80
4. Porcentagem da população com ocupação remunerada que se dedica à indústria e ao artesanato	36	39,2	51	33
5. Porcentagem da população com ocupação remunerada que se dedica aos negócios e aos serviços de comunicação	13	17,3	11	6
6. Porcentagem da população com ocupação remunerada que se dedica à prestação de serviços (públicos ou particulares)	21	10,4	9	7
7. Porcentagem de pessoas sem ocupação remunerada	22	21,1	19	13
8. Número de ocupações	102	79	21	22
9. Porcentagem das pessoas com ocupação remunerada que trabalham em outras comunidades	48	55	62	15
10. Porcentagem das famílias em que ninguém freqüenta a igreja	19	10	16	8
11. Porcentagem de famílias em que há um ou mais membros sindicalizados	22	30	31	21
12. Porcentagem da população escolar freqüentando a escola secundária	18,6	4	5	13
13. Porcentagem de famílias que possuem rádio	71	73	58	57
14. Porcentagem dos indivíduos entrevistados que freqüentam cinema regularmente ..	41	50	42	25

O fato de 41% dos lavradores que se dedicam exclusivamente à agricultura pertencerem à camada pobre da população tem sido atribuído à falta de progresso técnico e à baixa produtividade do trabalho. Entretanto, um terço desses lavradores consegue renda suplementar fazendo transporte e alugando maquinária agrícola. O alegado conservantismo dos lavradores camponeses pode ser relacionado à idade, pois 55% deles têm 50 anos ou mais. Por outro lado, o fato de 91% de todos os lavradores que se dedicam exclusivamente à agricultura lerem livros e revistas agrícolas e 60% ouvirem programas rurais no rádio não sugere falta de curiosidade por assuntos técnicos.

O desaparecimento do grupo de vizinhança como unidade de cooperação opõe-se ao tradicionalismo demonstrado por várias atitudes em relação à família, Igreja, educação e política. Até mesmo o cooperativismo organizado, baseado, como o foi originariamente, em pequenos grupos primários vicinais, praticamente desapareceu. (Kötter, 1952).

A Planície Baixa Alsaciana — Por volta de meados do século passado, a planície da Baixa Alsácia, com suas 40 comunas, era uma região agrícola relativamente próspera, cuja população conseguira tirar tôdas as vantagens possíveis das mudanças políticas, econômicas e técnicas do século anterior. Os camponeses da Baixa Alsácia que já se haviam mostrado receptivos às inovações técnicas entre 1750 e 1850, começaram a modernizar seus instrumentos por volta de 1860. O uso de fertilizantes químicos tornou-se conhecido a partir de 1880, mas o emprêgo de maquinária moderna permaneceu limitado, em virtude do pequeno tamanho de muitas propriedades. Assim, muitos lavradores empregavam tratores apenas para o transporte, e conservavam animais de tiro para o trabalho nos campos. Não há dúvida de que a tendência para o cultivo especulativo de produtos para o mercado (tais como a garança, o lúpulo e o fumo) e o desenvolvimento de uma economia de mercado já era notável no século XVIII, ganhando fôrça no século passado à medida que a urbanização e a industrialização ofereciam oportunidades cada vez maiores. Ao mesmo tempo, porém, os camponeses nunca deixaram de produzir a maior parte dos seus próprios alimentos.

A urbanização das residências, vestuário, alimentação e recreação não ocorreu antes do século XIX. Hoje, o número e variedade das associações recreativas nas aldeias alsacianas, a quantidade e variedade de rádios, jornais e revistas nas casas campesinas são comparáveis aos encontrados nas comunidades descritas anteriormente. Contudo, o processo de industrialização apresenta acentuadas diferenças em relação ao que foi visto até agora. Antes do mais, a industrialização começou muito cedo, em 1813, e em 1852 “milhares” de pessoas já estavam empregadas nas indústrias. Isso significa que muitas fábricas se instalaram nas aldeias antes que o sistema moderno de transportes fôsse estabelecido na Alsácia. As indústrias de então precisavam localizar-se perto das fontes de energia, como quedas d’água e reservas florestais. Assim, a dispersão mais que a concentração das indústrias era a regra geral.

O fato de muitas aldeias terem sido escolhidas para a instalação de pequenas fábricas atenuou o impacto que a industrialização poderia ter exercido sobre as comunidades campesinas. Em primeiro lugar, porque oferecendo oportunidades de emprêgo apenas a algumas dezenas de pessoas, essas indústrias não davam margem a grandes transformações. Em segundo lugar, porque desde que não eram necessários grandes investimentos de capital, muitos artesãos puderam comprar algumas máquinas e se tornar pequenos industriais.

Durante esta fase, a agricultura continuou sendo suficientemente lucrativa para impedir uma grande evasão para a indústria ou para os centros urbanos. Entretanto, uma mudança estrutural básica teve início em 1836. Um número crescente de trabalhadores agrícolas deixaram o trabalho e se voltaram para empregos nas indústrias, onde “duas gerações de esforços tenazes” lhes permitiram adquirir pequenas propriedades e combinar o trabalho agrícola com o trabalho assalariado nas indústrias. Em 1936 a classe de trabalhadores agrícolas sem terra já havia praticamente desaparecido.

A concentração e a modernização das indústrias verificam-se quando as estradas de ferro e a navegação fluvial (Reno) libertam as fábricas das fontes locais de energia. Mas a concentração é suficientemente lenta para impedir mudanças bruscas. A tecelagem artesanal, por exemplo, começa a decrescer a partir de 1880, mas ainda existiam tecelões na década de 1930. A proporção da população rural que se dedicava à agricultura no Baixo Reno passou de 79% em 1861 para 65% em 1910.

Um dos principais incentivos para a transferência das atividades agrícolas para o trabalho industrial assalariado resultou da ruptura do equilíbrio então existente entre salário industrial e preço dos produtos agrícolas. Em 1910 o salário industrial era cerca de 100% mais alto do que tinha sido 60 anos antes, enquanto o preço dos cereais permanecia praticamente o mesmo.

Este processo fez com que muitos proprietários vendessem suas terras e mudassem para os centros urbanos. Estas propriedades foram divididas em lotes e vendidas ou arrendadas aos camponeses. Se somarmos os efeitos estruturais deste processo ao desaparecimento gradual da numerosa classe de trabalhadores agrícolas antes mencionados, dificilmente poderemos negar pelo menos uma função da industrialização: a de acabar com algumas das mais flagrantes diferenças da estrutura tradicional de classes. As propriedades médias agora predominam e o trabalho assalariado na indústria foi em grande parte combinado com as atividades agrícolas, formando um sistema social “misto”. A concentração industrial, mesmo em áreas metropolitanas como Strasburgo, não destruiu este sistema. Verificou-se, por exemplo, que os trabalhadores de uma grande indústria metalúrgica em Strasburgo viviam em 72 aldeias diferentes. Apenas 40% do total da força de trabalho dessa indústria residiam na localidade. Constatou-se também que o trabalhador de meia idade freqüentemente deixa o trabalho, compra uma vaca, toma posse de sua parte de terra comunal, aluga um ou dois outros lotes e passa o resto de sua vida como pequeno lavrador (Juillard, 1953).

Nouvelle — Já em 1776 foi estabelecida uma fábrica de vidro na aldeia campesina de Nouvelle. Em 1887 foi aberta uma segunda fábrica de vidro. Uma grande parte da mão de obra era importada das regiões vizinhas ou

mesmo de partes distantes da França. Cada fábrica alojava seus trabalhadores em uma "**cit  ouvri re**" próxima, separada da aldeia própriamente dita. De 185 trabalhadores, 133 viviam nessas duas localidades. A comuna de Nouville tinha, em 1949, 594 habitantes. A segregac o residencial, embora voluntária, persistiu até o presente e, de certa maneira, simboliza a profunda separac o entre camponeses e trabalhadores industriais. A comuna caracteriza-se mais pela oposi o do que pela coopera o. Os lavradores controlam-na política e econ micamente. A renda média de um lavrador arrendatário   4 ou 5 vêzes maior do que a dos operários mais bem pagos. Além disso, o operário industrial   constantemente ameaçado pela instabilidade do mercado, pelos cortes no número de operários e, mesmo, pela possibilidade de fechamento das fábricas. A separac o entre operários e lavradores pode ser definida em têrmos de diferenças de classe. Caracteriza-se não apenas pela renda e ocupa o, mas também por tendências end gamas, pela solidariedade entre os lavradores em oposi o   falta de coesão entre os operários, e por um conjunto de atitudes que resultam numa **morale utilitaire** entre os operários e numa **morale autoritaire** entre os lavradores.

Os lavradores se dividem em proprietários e arrendatários. No conjunto, os arrendatários estão em situa o melhor do que os proprietários, principalmente porque cultivam mais terra. 75% das terras pertencem a proprietários não residentes, que as arrendam aos lavradores locais. Como a agricultura e a produ o de leite são extremamente lucrativas em Nouville, há a tendência de arrendar tanta terra quanto possível e de tirar o máximo de proveito da explora o do solo.  sse tipo de atividade agrícola, em contraste com a dos proprietários, parece servir como canal de mobilidade social. Depois de explorar uma propriedade durante vários anos, o arrendatário procura mudar-se para outra maior e mais lucrativa. Esta atitude t pica de  mpres rio, característica do arrendatário,   favorecida pelas técnicas e maquinária agrícolas modernas. Numa propriedade de 26 hectares, por exemplo, contaram-se 20 peças diferentes de implementos agrícolas. Os produtos industriais foram adotados a tal ponto que uma classe numerosa e diversificada de artesãos virtualmente se extinguiu. Entretanto, os lavradores ainda produzem a maior parte dos alimentos que consomem.

Há uma grande variedade de associa es na aldeia, mas nenhuma delas chega efetivamente a congregar operários e lavradores. (Bernot et Blancard, 1953).

Villmergen — Antes mesmo do estabelecimento da primeira fábrica, em 1853, a pressão demográfica já havia forçado muitos habitantes de Villmergen a procurar emprêgo nas aldeias industrializadas do Aargau. Isto provocou a emigra o e, demais, parte da popula o que continuou a residir em Villmergen passou a viajar diàriamente para trabalhar nessas aldeias. Quando se instalaram indústrias em Villmergen — havia 2 em 1895

e 12 em 1952 — a população cresceu de 1.652 habitantes em 1860 para 2.812 em 1950, e pessoas de aldeias vizinhas começaram a vir trabalhar em Villmergen. Havia 38 operários industriais em 1895 e 1.426 em 1952.

A industrialização se processou quase que totalmente às expensas das atividades agrícolas. O número de lavradores diminuiu de 450 em 1860 para 64 em 1953, dos quais apenas 30 se dedicavam exclusivamente ao cultivo da terra. Os que abandonaram a agricultura ou se empregaram nas fábricas, ou abandonaram de uma vez a aldeia.

A receptividade ao trabalho industrial assalariado parece ter sido determinada pelo fato de que a maior parte das propriedades era pequena demais para ser lucrativa. Os pequenos proprietários venderam suas terras e se incorporaram à mão de obra industrial, mudança que significava maior segurança e melhor nível de vida. Como classe social, o pequeno lavrador-proprietário está praticamente extinto em Villmergen.

Com a industrialização em larga escala *in loco*, era inevitável a emergência de um novo sistema de classes. O operário não especializado forma a camada mais baixa da pirâmide social, os operários especializados e os empregados de escritório estão mais ou menos na camada média; a ascensão dos trabalhadores não-manuais tem sido limitada por uma elite técnica com formação universitária que é trazida de fora da aldeia. Por outro lado, o artesanato, longe de desaparecer, passou por uma expansão sem precedentes, que motivou a ascensão dos artesãos à posição de classe média. Dentro das indústrias artesanais, a hierarquia tradicional de oficiais e aprendizes, bem como as inter-relações de tipo paternalista foram totalmente preservadas. Uma considerável mobilidade ascendente das camadas inferiores e uma mobilidade descendente, embora restrita, da camada mais alta, provocou um certo nivelamento das principais divisões do sistema tradicional de classes.

Um estudo dos grupos sociais informais em Villmergen mostra dois fatos importantes: 1 — O estabelecimento de grupos informais coincide com a decadência da antiga estrutura da aldeia; 2 — na sua maioria, estes grupos são formados apenas por trabalhadores industriais do mesmo status, status êsse determinado pela posição na hierarquia interna da fábrica. Em outras palavras, a função integradora dêsses grupos restringe-se aos indivíduos de uma mesma posição ocupacional.

O impacto da industrialização sôbre a integração ecológica de Villmergen e de outras aldeias do Aargau pode ser avaliado pela extensão em que a prática de viajar diariamente para o local de trabalho se estabeleceu nessa área. De uma população de 1.325 trabalhadores em 1930, 25 pessoas viajavam para Villmergen e 319 residentes de Villmergen viajavam para outras localidades. Em 1941 esta tendência tinha sido invertida, pois de um total de 1.190 trabalhadores, 361 viajavam para Villmergen e apenas 270 residentes locais tinham emprêgo em outras comunidades. Êste siste-

ma de trabalhar em local diferente do de residência abrange um total de 55 comunas, das quais 15 estão envolvidas em trocas de trabalhadores com Villmergen. Em alguns casos os trabalhadores chegam a viajar até 86 quilômetros de ida e volta do trabalho, mas a maior parte das viagens se dá dentro de um raio de aproximadamente 16 quilômetros.

O número de pessoas que dedicam parte do tempo à agricultura e que nas outras comunidades estudadas parecem ter função de integrar a antiga estrutura de aldeia com a ordem industrial emergente, tem decrescido gradualmente desde a crise da década dos 30. O estudo sobre Villmergen considera a atividade agrícola parcial como uma solução transitória, "que está perdendo rapidamente sua importância sob o impacto de uma economia em expansão" (Weiss, 1956: 53).

Witikon — Em 1934, quando foi administrativamente incorporada a Zurique, Witikon era uma aldeia camponesa cercada de florestas e montanhas. Apesar da proximidade de Zurique (4,5 km), não revelava grandes sinais de urbanização. Witikon não tinha fábricas, cinemas, nem conjuntos residenciais, e suas lojas eram pequenas e simples. Entretanto, já em 1910, 40% da população com ocupação remunerada estava empregada em Zurique. Estas pessoas viviam em lares camponeses e trabalhavam em uma metrópole moderna, constituindo, assim, um canal através do qual valores urbanos se infiltravam diretamente na família.

Como distrito de Zurique, Witikon ganhou uma escola maior, mais professores, serviços de água, ruas melhoradas, gás, melhor serviço de ônibus e rede de esgotos. Foram abertos um restaurante e um café, médicos e dentistas se estabeleceram na aldeia e as lojas começaram a vender uma variedade cada vez maior de produtos novos. Em 1930 os trajes camponeses haviam desaparecido completamente, mas nas décadas seguintes os homens se revelaram mais conservadores do que as mulheres quanto ao vestuário.

As influências urbanizadoras do emprego na metrópole e da integração administrativa à área metropolitana de Zurique foram súbitamente reforçadas pela construção, ao redor do núcleo da aldeia, de nove conjuntos residenciais, que provocaram um grande afluxo de residentes urbanos para Witikon. De 637 habitantes em 1930 a população passou para 1.111 em 1941 e a 1.567 em 1950. Além disso, teve especial relevância estrutural a composição social desses residentes urbanos. Em cinco dos nove conjuntos residenciais os moradores pertenciam à alta classe média e à classe alta de Zurique. Em outras palavras, em 20 anos Witikon se transformou de comunidade campesina autônoma em subúrbio residencial.

Entre 1913 e 1950, 823 173 m² de terras foram vendidos pelos proprietários camponeses a residentes urbanos. A valorização das propriedades trouxe aos camponeses mais dinheiro do que jamais haviam visto, e os proprietários passaram a ocupar posição superior à dos trabalhadores não-

manuais na ordem social emergente. A redução gradual das propriedades agrícolas e das terras cultivadas ocorreu concomitantemente com a modernização das técnicas agrícolas. Algumas casas foram remodeladas, água e esgotos instalados, mas, de modo geral, houve grande relutância da parte da velha geração em aceitar inovações, independentemente da soma de dinheiro de que pudesse dispor para a aquisição de produtos urbanos. O fato de que o próprio centro da família estava exposto, através dos membros que trabalhavam na metrópole, às pressões do sistema de valores urbanos, foi o ponto-chave no processo de mudança cultural. Por fim, as mais fortes oposições vencidas foram porque estava em jogo a coesão da família. Em outras palavras, aceitou-se relutantemente a mudança para salvar a família da desintegração. Há ainda 18 propriedades agrícolas, de aproximadamente 10 hectares cada uma, mas dentro em breve 4 delas terão desaparecido.

Pelo menos três das sete associações de Witikon serviram de 'ponto de contacto entre os antigos e os novos habitantes. Uma delas, fundada pelos novos moradores para a defesa dos seus interesses, tornou-se o porta-voz das reivindicações locais gerais, inclusive dos membros camponeses.

Semelhanças e Diferenças

Algumas das mudanças que afetaram todas as comunidades examinadas são principalmente de ordem ecológica. A evidência fornecida pelos autores das diferentes monografias não é suficiente para determinar a amplitude total de todas as possíveis implicações dessas mudanças. Contudo, sabemos que a posição relativa das comunidades dentro de um dado sistema ecológico modificou-se na medida em que a "densidade dinâmica" do sistema aumentou. Há, é claro, indícios de que as mudanças estruturais dentro dos sistemas regionais se ligam a mudanças semelhantes nos níveis nacional e internacional.

Um efeito geral de tais mudanças pode ser observado na estreita integração das diversas comunidades num sistema econômico baseado no mercado e na moeda, no qual os produtos agrícolas alcançam preços mais elevados em condições cada vez mais competitivas. Inversamente, uma integração ecológica mais estreita expõe o artesanato aldeão à competição industrial.

Para explicar as inovações não é preciso procurar por motivações nos camponeses. Em vista dos numerosos precedentes históricos, pode-se supor com segurança que incentivos para tirar vantagem de novas oportunidades econômicas nunca faltaram. Maior preço alcançado pelos produtos agrícolas e laticínios significa nível de vida mais elevado e mudança gradual nos hábitos alimentares e de vestuário, nos padrões residenciais e de recreação. A competição, por outro lado, leva à modernização das técni-

cas agrícolas e do maquinário, da criação de gado e da produção dos laticínios. Mas leva também à extinção e à redução dos antigos ofícios, exceto onde êles se transformaram em indústrias, como em certas aldeias alsacianas.

Na medida em que a mudança ecológica acima do nível local está relacionada com a industrialização, as comunidades ou se tornam centros industriais, ou caem dentro da órbita de centros industriais próximos, ou ainda, permanecem completamente fora de qualquer dessas áreas, situação que só foi encontrada na aldeia holandesa de Anderen.

Uma terceira mudança pode ser vista, combinada ou não com a industrialização, no afluxo de moradores urbanos que se estabelecem na comunidade, ou porque ela está realmente se transformando em subúrbio residencial (como Alsbach, Schneppenhausen, Spachbrücken e Witikon), ou porque a industrialização da própria comunidade exige a presença permanente de um grupo de especialistas que não existem na comunidade (como em Villmergen), ou ainda porque grupos de evacuados ou refugiados foram transferidos para a comunidade (como em tôdas as aldeias alemãs). Há ainda o caso de Gosforth, escolhida para residência por pessoas que tentam atingir um ideal urbano de classe alta.

E' óbvio que estas mudanças são estruturais e funcionais na medida em que afetam não apenas a posição relativa da comunidade local, como também o papel que ela desempenha num sistema ecológico mais amplo.

As variáveis a que se devem tais mudanças ecológicas são, com uma única exceção, externas em relação à comunidade da aldeia. A pressão demográfica sobre os recursos existentes resultou numa abundância de mão de obra local que provavelmente contribuiu para o estabelecimento de fábricas, quer na própria comunidade, quer nas suas vizinhanças. (Villmergen e, talvez, o Distrito Montanhês Central).

As alterações na estrutura local de classes (e, provavelmente, outras mudanças institucionais não incluídas nos objetivos dêste trabalho) só podem ser compreendidas em relação às mudanças ecológicas que acabamos de apontar.

De especial importância é o fato de que o trabalhador agrícola, como classe distinta da ordem social pré-industrial, praticamente desapareceu. A monetização crescente da economia, combinada com fontes novas e mais lucrativas de renda, elevou o nível de vida das camadas média e baixa e, de modo geral, diminuiu a distância entre as diferentes classes. Em contraste com o que se deva no passado, a estrutura de classes tende a ser mais fluida.

Além disso, a antiga classe de proprietários, por diferentes razões nas diferentes comunidades, ou diminuiu numéricamente ou, pelo menos, perdeu alguns dos seus privilégios de status. (Exemplos: Venda e divisão das

grandes propriedades na Alsácia; perda de status causada pela reforma, em 1913, da lei eleitoral prussiana que favorecera os proprietários, com efeitos visíveis no Distrito Montanhês Central; emergência de uma camada alta inteiramente competitiva entre os moradores locais, como em Gosforth, Witikon e Villmergen; ascensão de arrendatários como em Nouville). Os dados relativos à posição do artesanato aldeão são um tanto contraditórios. Comum a todos os casos é o fato de que alguns ofícios desapareceram por completo sob o impacto da industrialização. Todavia, os restantes parecem ter melhorado de status, passando os seus executantes da posição de dependentes em relação a empregadores camponeses à de pequenos empresários. Como o exemplo de Villmergen sugere, o florescimento do artesanato aldeão parece ser determinado pelo aparecimento de novas necessidades, tais como encanamento, telhadura e consertos de utensílios e máquinas.

Ao lado dessas semelhanças básicas, que se encontram em todos os casos estudados, existem, em primeiro lugar, aquelas diferenças que devem ser atribuídas a variações na mudança ecológica. O costume de viajar diariamente para o trabalho foi adotado em tôda parte, com exceção de Anderen e Nouville, e criou novas lealdades que, freqüentemente, colocam o indivíduo ante um dilema caracterizado por oposição de valores. Entretanto, há uma diferença significativa: o trabalhador que vive na aldeia e trabalha numa cidade industrial é ainda, essencialmente, um aldeão, mas o trabalhador que vem de fora para a aldeia é, geralmente, um forasteiro urbanizado, portador de valores que, forçosamente, produzem mudanças de tal magnitude que finalmente destroem a identidade cultural da aldeia. Êste parece ser o caso de Alsbach, Schneppenhausen, Spachbrücken e Witikon. A localização de fábricas na aldeia pode ter efeitos semelhantes, se acompanhada pelo afluxo de mão de obra especializada (como em Villmergen). Em Nouville, onde isto aconteceu há muito tempo, o afluxo da mão de obra especializada sem dúvida teve influência notável na estrutura da comunidade, dando origem ao que se poderia chamar de uma estrutura bipartida de classe. A singularidade do caso de Nouville talvez possa ser explicada pelo fato de que esta mão de obra que se estabeleceu na comunidade não era urbanizada, nem a sua posição econômica estável ou suficientemente vantajosa para impressionar a comunidade campesina.

A aceitação ou rejeição de elementos urbanos e suas implicações estruturais foram visivelmente determinadas por variáveis diferentes. Em caso algum há indícios de decisões apressadas sôbre assuntos de importância vital, tais como a mecanização da agricultura ou a substituição das atividades agrícolas por empregos industriais. Ao contrário, impressiona o fato de que aldeias como Witikon, Alsbach, Schneppenhausen e Spachbrücken, situadas perto de centros urbanos antigos, todos em fase de ex-

pansão industrial, tenham conseguido preservar sua herança campesina durante tanto tempo.

Evidências de descontentamento com o sistema sócio-econômico tradicional, com tendências para provocar mudanças, encontram-se somente nas monografias sobre Hüttenthal e sobre o Distrito Central Montanhês. Quando as oportunidades aparecem, pelo menos os trabalhadores rurais, mas, algumas vezes, também os lavradores proprietários empregam-se como assalariados. Contudo, as atividades agrícolas não são, de modo algum, abandonadas. **Pelo contrário, em toda parte onde o trabalho industrial assalariado se estabelece como padrão, há uma tendência muito forte de combiná-lo com a agricultura como ocupação secundária, se possível em terra própria.** Esta tendência ocorre em duas direções: pequenos proprietários empregam-se na indústria para melhorar sua posição econômica periclitante; por outro lado, o trabalho assalariado na indústria permite que o trabalhador agrícola compre pequenos lotes de terreno e animais. Há uma necessidade evidente (como nas comunidades alsacianas) de suplementar com o salário industrial um modo de vida precário baseado em pequenas propriedades cada vez menos rendosas. Todavia, o salário industrial permanece suficientemente baixo para tornar a agricultura suplementar uma perspectiva tentadora. Uma variável adicional, entretanto, pode ser vista no fato de que a segurança econômica proporcionada pela agricultura foi demonstrada de modo muito convincente por duas guerras mundiais e uma crise econômica. Além de afetar a segurança econômica (“aconteça o que acontecer, a gente tem casa e comida”), as atividades agrícolas, mesmo em pequena escala, parecem trazer mais prestígio do que apenas o trabalho industrial assalariado. Somente o futuro dirá se, à medida que a prosperidade geral aumenta, a agricultura vai perdendo seus atrativos, como se deu em Villmergen. Entre as suas diversas funções parece incluir-se a de reconciliar o passado camponês com o presente industrial.

Independentemente do fato de terem sido ou não as aldeias diretamente afetadas pela industrialização ou pelo afluxo de residentes urbanos, **por toda parte as associações voluntárias assumiram as funções anteriormente exercidas pela família, grupo de parentesco e vizinhança.** Algumas delas, como sindicatos e associações de empregadores, preenchem novas funções que não poderiam ser exercidas pelos grupos tradicionais e, desse modo, estabelecem laços estruturais com a sociedade mais ampla. Também parece haver evidência de que, de modo geral, estas associações têm sido o instrumento efetivo da integração comunal.

Os dados sobre as relações de vizinhança não são suficientes para se tentar formular conclusões gerais sobre seu estado de decadência ou preservação. Há evidências de que a troca de serviços entre vizinhos ainda é praticada em Gosforth, Anderen, Hüttenthal e no Distrito Central Montanhês.

Os dados sôbre a estrutura familiar são mais concludentes. Por motivo de espaço não nos é permitido fazer uma exposição completa dêsses resultados. Contudo, podemos apresentar, nesta altura, algumas observações sôbre as características estruturais da família:

1. Embora em declínio, a **famille-souche** descrita por Le Play ainda aparece como tipo dominante. Compreende três gerações integradas num agregado cooperativo de grande coesão, capaz de funcionar como unidade de produção econômica. E' interessante notar que duas mudanças principais na estrutura da comunidade vieram reforçar esta estrutura familiar: o desaparecimento do trabalhador rural e a difusão da agricultura como ocupação secundária. Ambas as mudanças acarretaram a necessidade de cooperação familiar efetiva. Em Gosforth, por exemplo, 76% de todo o trabalho masculino e 95% de todo o trabalho feminino é realizado pelo lavrador, sua mulher, filhos, filhas e outros parentes.

2. A família conservou, em grau surpreendente, o seu caráter autoritário. Nas famílias camponesas de Gosforth, o dinheiro é distribuído sob a forma de mesada e não como pagamento de serviços prestados. Mesmo filhos adultos ignoram a situação financeira da família e quando assumem a direção de propriedade, a sua idade mental, afirma-se, é a de um adolescente. O herdeiro da propriedade em geral adia o casamento até a aposentadoria ou morte dos pais. Também quanto a Anderen somos informados de que "homens e mulheres já perto de 30 anos parecem ser, e agem como se fôsem, adolescentes". (Keur and Keur, 1955: 100). A **morale autoritaire** dos lavradores de Nouville e a família dominada pelos pais do Distrito Central Montanhês (que ultimamente tende a se encaminhar para uma centralização ao redor dos filhos) parecem referir-se a características estruturais semelhantes.

BIBLIOGRAFIA

- Beck, Hansjürg, **Der Kulturzusammenstoss zwischen Stadt und Land in einer Vorortgemeinde**, Zürich, 1952.
- Bernot, Lucien et
- Blancard, René, **Nouville, un village français**, Paris, 1953.
- Egger, Martin, "Die Integration eines Dorfes im sozialen Wandel", **Kölner Zeitschrift für Soziologie and Sozialpsychologie**. Sonderheft 1, Köln, 1956.
- Friedmann, Georges, ed., **Villes et campagnes. Civilisation urbaine. Civilisation rurale en France**, Paris, 1951.
- Juillard, Etienne, **La vie rurale dans la plaine de Basse-Alsace**, Strasbourg-Paris, 1953.
- Keur, John Y., and
- Keur, Dorothy L., **The Deeply Rooted. A study of a Drents Community in the Netherlands**. Assen, 1955.

- Kötter, Herbert, **Struktur und Funktion von Landgemeinden im Einflussbereich einer deutschen Mittelstadt**, Darmstadt, 1952.
- Riehl, W. H., **Die bürgerliche Gesellschaft**, Stuttgart, 1861.
- Teuscher, Wolfgang, "Klassenstruktur und Initiative in einer sich wandelnden ländlichen Gemeinde". **Kölner Zeitschrift für Soziologie und Sozialpsychologie**, Sonderheft 1, Köln, 1956.
- Weiss, Hans, "Die Industrialisierung auf dem Lande. Bericht über eine Gemeindestudie aus der Schweiz". **Kölner Zeitschrift für Soziologie and Sozialpsychologie**, Sonderheft 1, Köln, 1956.
- Williams, W. M., **Gosforth: The Sociology of an English Village**, Glencoe, 1956.
- Wurzbacher, Gerhard, ed., **Das Dorf im Spannungsfeld industrieller Entwicklung**, Stuttgart, 1954.

Tradução de Eunice Ribeiro Durham.